

Resenhas Críticas

MOSCOVICI, Serge. *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Moscovici (1990) desenvolve sua análise focalizando, sobretudo, a associação entre as causas psíquicas e sociais dos fenômenos, procurando superar a limitação do seu entendimento a fatores sociais e econômicos.

A pergunta subliminar de toda procura de conhecimento é, para o homem, sua origem, seu ser, sua finalidade.

As respostas a essas indagações e a conseqüente aproximação dos fatos da realidade fazem com que o pesquisador assuma duas faces: a da raposa, que observa com sagacidade, e a do ouriço, que instiga e incomoda.

No movimento do estado individual ao coletivo integram-se, interagem e alternam-se os modos, as visões e as vivências. Passa a existir, portanto, um "modo coletivo" de ser.

Esses argumentos, em favor da Psicossociologia, destacam-se no segmento "Introdução - Problema". A essa introdução segue-se o Capítulo

I, com o título: "A máquina de fazer deuses". E Moscovici (1990) então afirma: "esta máquina é a sociedade. Esta máquina move-se pelo poder de interinfluência, pelos contratos que se estabelecem, pelas trocas, negociações, sem esquecer a alta, tangível e forte coação que existe à medida que o indivíduo resiste a posições ou imposições do grupo.

O que caracteriza, em verdade, a coação é o "dever". O principal é que as relações entre os homens sejam definidas pelo sentido que eles dão às fórmulas "você deve" e "eu devo" e pelos objetos aos quais se aplicam. Essas "fórmulas" é que expressam na sociedade uma "criação moral" (p.37).

Entretanto, a "força coercitiva" posta em prática sobre nós é permitida e, portanto, tem origem em nós mesmos. No bojo dessa "condição" interior, inclui-se, também, a questão do sagrado (da religião) e do profano,

discutida fundamentalmente por Durkheim.

A partir dessas questões refletidas por Durkheim, Moscovici (1990) chega aos ritos que "encarnam as representações comuns que povoam a consciência e que a educação induz" (p.55). O rito, na verdade, une o grupo numa visão, opção e "causa" comuns. O "rito" - seus eventos e condutas - consolida a identidade grupai. Assim, a função do rito não se limita à sua prática, mas significa algo maior: uma fonte de energia, mobilização, união do grupo.

Desse modo, os ritos expressam também as representações, ao mesmo tempo que as fortalecem. O que se quer dizer é que se os indivíduos separados se fragilizam, perdem a confiança nas suas crenças e nos signos que as *representam*; quando reunidos, eles voltam a encontrar sua força original.

com essas idéias (aprofundadas, discutidas e detalhadas no Capítulo I), chega-se ao Capítulo II, "Crimes e Castigos".

Os "julgamentos" seguidos de sanções e punições são tratados

por Moscovici (1990) com base em Durkheim, como símbolos de relações sociais em que se perde o sentido da coletividade, se desgastam os laços humanos e se provoca a astenia dos sujeitos. O Estado e a tradição imprimem normas que determinam condutas.

Continuando as análises sociológicas, com base em Durkheim, encontra-se a alternativa (humana) de solidariedade, para a qual se apontam dois fatores: "a consciência coletiva, que compreende os sentimentos e as crenças compartilhadas por uma comunidade" (p.81), e a "divisão do trabalho" (p.82).

Quanto à consciência coletiva, a alternativa da solidariedade humana tem como consequência a aproximação e a união de valores, bem como a superação de barreiras que afastam os indivíduos.

Quanto à divisão do trabalho, a solidariedade implica complementação de tarefas que se fazem mutuamente necessárias, levando os indivíduos a adquirirem habilidades ao mesmo tempo diversas e conjugadas. Portanto, essa é, também, um elemento de aproximação.

Nesse processo, é fundamental observar que tanto existe uma consciência coletiva que reúne, conjuga crenças e representações, visões e conceitos semelhantes que geram consentimento, por força de tradição ou confiança, como há, também, uma consciência individual, com idéias, princípios, percepções próprias de cada sujeito, experiências pessoais (singulares), conforme maneiras de senti-las, vivenciá-las, e uma determinada lógica de raciocínio.

No Capítulo III, "uma ciência difícil de dominar", volta-se às questões da Psicologia e da Sociologia. Questiona-se, então, a oposição durkheimiana entre o social, o global, o determinante, e o psicológico, o individual, o determinado. Entretanto, é no reconhecimento de uma representação coletiva que Durkheim dá indícios de superar esta polarização. Por isso, Moscovici (1990) destaca em Durkheim a afirmativa de que "Não vemos nenhum inconveniente em dizer da Sociologia que ela é uma Psicologia, se tivermos o cuidado de acrescentar que a Psicologia Social tem suas leis próprias que não são as de uma Psicologia Individual" (Durkheim, apud Moscovici, 1990, p. 115).

A questão da sociedade "instituída e instituinte" é, então, examinada no Capítulo IV, "Os big-bangs sociais". Inicia-se este exame constatando-se que um significativo tema de todas as sociedades é o que se refere às idéias; por isso, novas crenças e conceitos tendem a oferecer resistência.

A palavra "idéia" assume conotações várias, como "mito", "visão de mundo", "informação" ou "representação social".

As novas idéias (implicando novos conceitos ou representações) são ameaçadoras, porque mostram uma nova realidade.

A influência de um sujeito sobre outrem ou sobre grupos tem, entre outros fatores, a representação e a crença na "força" expressa por suas idéias e na sua comunicação. Esse tipo de "força" - reconhecida e exercida historicamente - pode ser, também, efeito de um carisma, através do qual se obtêm a confiança e novas crenças.

Seja ou não por força do carisma, os conceitos se consolidam pela atitude ou julgamento de valor, pertinentes à realidade existente ou

desejada. Nesse sentido, tradição (representações "antigas") e renovação confrontam-se, sempre, num relacionamento de tensão.

A sociedade, portanto, tem valores, visões e representações instituídas, mas, por um processo dinâmico, os sujeitos, suas influências e os novos fatos da realidade que se lhe impõem fazem com que esta sociedade seja e esteja, na seqüência do movimento do tempo e da história, *instituinte*, o que significa dizer, em processo de (re)construção.

Esse mesmo processo de refluir e influir aplica-se no Capítulo V, "O gênio do capitalismo".

Remontando a Weber, Moscovici fala do protestantismo e sua ética (organização, seriedade, trabalho, riqueza) como formadores das idéias que deram origem ao capitalismo moderno. Sucesso econômico, religião e política passam, desse modo, a se conjugar.

Referindo-se a Marx, Moscovici assinala, então, o momento em que a "utopia" protestante terminou, e o problema de desigualdade capitalista teve início; este momento é o da acumulação minoritária de capital.

No Capítulo VI, "O *manna* e os *numina*", a sociedade revolucionária e as sociedades normais são consideradas.

Associando, com base em Kuhn, a "sociedade normal" à "ciência normal" (p.197), Moscovici (1990) faz a equiparação entre ambas através do processo de pesquisa, em que se dá a confirmação de princípios teóricos aceitos e de resultados obtidos por soluções lógicas e precisão rigorosa.

Na "ciência revolucionária" - como na "sociedade revolucionária" (p.197) - procuram-se novas idéias, concepções e paradigmas que "revolucionem" e superem o estabelecido.

Na sociedade normal, é possível manter a legitimidade do poder pelo interdito da crítica. Assim como a norma a que se "obedece", também o "carisma", como sedução, é uma forma de exercício de poder.

Em Weber, Moscovici (1990) destaca a força militar e política do exército, bem como o interesse econômico entre os elementos que explicam as razões pelas quais os homens "obedecem".

No contexto da "sociedade revolucionária", de renovação, existe espaço para o conflito sociocognitivo, a troca de argumentações, o dissenso e também o consenso, em decorrência da adesão *consciente a* perspectivas comuns.

Da sociedade e da Sociologia, Moscovici (1990) trata no Capítulo VII, "Ciência das formas".

O questionamento ao recorte dos fatos da realidade, desarticulando os fatores econômicos dos fatores políticos, históricos, psicológicos e sociais, entre outros, é enfatizado neste segmento do estudo.

com apoio em Simmel, reconhece-se a Sociologia como a ciência na qual se enfatizam os elos entre os vários componentes do real, numa visão holística em que o individual e o coletivo se explicam num contexto amplo, multifacetado. O fenômeno psicossociológico é, então, aceito, entendendo-se que o subjetivo *está* e se *transforma*, nas relações e funções dos grupos.

Moscovici (1990), em seguida, faz referência a uma "sociologia molecular" em que as "redes e

representações" (p.249) expressam uma ordem simbólica influente na vida psíquica e social. Referindo-se, mais uma vez, a Simmel, afirma que a quantidade e a variedade dessas "redes" e contextos sociais a que um indivíduo pertence lhe dão as referências de padrões culturais. Nessas "redes" constroem-se e movimentam-se as representações sociais, cujos conceitos e imagens selecionam motivações, expectativas e sentimentos, mantendo o que se troca e partilha nos grupos; constitui-se, assim, uma visão comum de realidade.

Dessa rede de sentidos faz parte o Capítulo VIII, "O dinheiro como paixão e representação". como tal, e por isso, é que o número de bancos é maior que o de livrarias e museus; por isso, instala-se a corrupção, exacerbam-se a pobreza e a concentração minoritária de riqueza, da qual se apoderam os "deuses", cujo prestígio se exerce à medida de sua conta bancária. O dinheiro representa na e para a sociedade atual o fascínio, o prazer, a potência, a cobiça. "Em outras palavras, se o dinheiro já representa há muito tempo um papel na troca, na produ-

ção e na dominação, ele jamais foi tão determinante quanto hoje" (Moscovici, 1990, p.265).

E conclui-se, então, no Capítulo IX, com "A sociedade desaparecida", que a materialidade é medida de poder, assim como a quantidade de dinheiro é medida de sua "qualidade".

uma pergunta crucial impõe-se: "mas, afinal, para onde foi a sociedade?" (p.329). Essa pergunta provoca uma constatação de que o social se submeteu ao material. como "Últimas observações", entende-se que a Psicossociologia (e não só a Economia e a Sociologia) tem, sem dúvida, entre seus princi-

pais objetos, os problemas concretos do homem, a compreensão (a aproximação) da realidade, das vivências e angústias do cotidiano, enfim, as representações, os sentidos e a concepção de uma sociedade não como "máquina de fazer deuses", mas como "máquina de fazer homens" (p.375). O que se pode deduzir, portanto, deste livro é, sobretudo, a sensibilidade do pensamento do autor, que, na sua proposta de reunir o psicológico ao social, expressa, essencialmente, a sua preocupação com os problemas e as motivações humanas da pesquisa.

Mary Rangel
Universidade Federal Fluminense
(UFF)